

Boleiros

UGO GIORGETTI

ugog@estadao.com.br



O carnaval de 1980

No dia 17 de fevereiro de 1980, domingo de carnaval, futebol e folia se misturaram dramaticamente no desfile da Mangueira. No meio da escola, perdido entre música, dança e carros alegóricos, vinha um pequeno veículo na traseira aberta do qual um homem se sentava, olhando a multi-

plão com expressão ausente como se estivesse vagamente em outro lugar. De vez em quando levantava uma das mãos, talvez ouvindo seu nome gritado pelos assistentes. Mas era como se o som chegasse a ele de uma distância infinita, quase um eco.

Num dado momento levanta a mão exausta e parece enxugar o suor do ros-

to. Mas sem mudar nada da expressão, sem que qualquer sintoma de vida pudesse ser percebido naquele rosto petrificado. As pernas pendiam inertes da beirada do veículo. As pernas famosas, as pernas tortas que provavelmente tinham levado ao delírio a maioria das pessoas que naquele momento se aglomeravam nas arquibancadas.

O homem sentado na beirada do veículo era Garrincha. Ou o que restava dele. Por uma dessas contradições de que tanto se vale o cinema ou a literatura, alegria e imensa tristeza se embaralhavam no mesmo momento de celebração. O resultado era devastador. O que deveria ter sido uma homenagem da Mangueira a um autentico ídolo popular, um folião dos gramados, cuja coreografia diante dos zagueiros nada ficava a dever à dos mais talentosos passistas que desfilavam ao seu redor, tinha acabado por ser uma demonstração públi-

ca de seu estado e de sua decadência.

Naquele domingo de 1980 Garrincha foi exibido sem que nenhum truque, nenhum artifício de câmera pudesse esconder seu aspecto, sua aparência de robô distante, como se parte dele já não estivesse mais na terra. No YouTube pode ser vista essa imagem melancólica.

O homem sentado na beirada do veículo era Garrincha. Ou o que restava dele

Do desfile da Mangueira de 1980 há uma montagem de uns dez minutos mais ou menos. Garrincha aparece por uns dez segundos. Temendo talvez pelo efeito que sua figura pudesse causar no espectador, o editor das imagens teve o cuidado de eliminá-lo o mais possível. E ainda acrescentou sobre sua imagem um rápido, fugaz letreiro, como a escl-

recer quem não acreditasse no que estava vendo: "GARRINCHA".

Ruy Castro, no seu belo livro "Estrela solitária", faz uma magnífica descrição desse episódio, do qual cito uma parte.

"Queriam pô-lo a salvo num táxi. Joelle ouviu quando Garrincha, com dificuldade perguntou - O pessoal gostou? Estava bom? A escola é fantástica - Não tinha consciência do espetáculo triste que havia proporcionado. Um dos diretores quis saber se estava sentindo-se bem. Garrincha respondeu como se alguém falasse por ele: Tá tudo bem - e depois de uma pausa - Tá tudo ótimo." Em outra entrevista patética quase do mesmo período eu já o tinha visto repetir a mesma coisa: "Tá tudo bem, tá tudo ótimo".

Era sua maneira de manter alguma dignidade e não despertar piedade.

Futebol americano

A arma secreta militar dos Giants

Métodos utilizados na Força Aérea dos EUA ajudaram equipe a superar dificuldades e conquistar o Super Bowl

Valéria Zukeran

Quando uma grande empresa não vai bem das pernas ou não está evoluindo da forma que deveria é comum que seus dirigentes recorram aos serviços de consultoria para detectar e solucionar os problemas. Se funciona no meio corporativo, porque não com equipes no esporte? Foi o que pensou a diretoria do time de futebol americano do New York Giants. Ela recorreu a um método usado na Força Aérea dos Estados Unidos para iniciar a virada que resultou, há algumas semanas, na surpreendente vitória Super Bowl e, consequentemente, o título da temporada da Liga de Futebol Nacional (NFL).

Os dirigentes dos Giants contrataram uma empresa acostumada a trabalhar em grandes multinacionais, a Afterburn, para resolver suas dificuldades. Seu proprietário é um ex-piloto da Força Aérea, Jim Murphy, que ao lado de outros ex-militares ministra palestras e oferece como diferencial aplicar lições da vida da caserna ao mundo empresarial. "A ideia surgiu porque, antes de ser piloto, trabalhei dois anos em ambientes corporativos", explica. Mas, ao contrário do que se possa pensar, seu méto-

do pouco tem a ver com apitos, gritos e a disciplina rígida difundida nos filmes de guerra. O elemento principal é a conversa.

Murphy desenvolveu um método que batizou de Flawless Execution (na tradução para o português, Execução sem Falhas). No caso específico dos Giants, ele diz ter percebido que a comunicação interna - entre dirigentes, comissão técnica e atletas - tinha problemas. "Como eles não se falavam, não conseguiam detectar porque certas coisas davam errado e, em alguns momentos, nem mesmo porque outras estavam davam certo", lembra Murphy. "É muito importante é que os gerentes coloquem para os funcionários as metas com o maior número de detalhes possível. Quanto mais precisos os detalhes, mais próxima da perfeição é a execução de por quem faz o trabalho."

Detectada a falta de comunicação interna, todos trabalharam para sanar o problema, mas havia também um entrave específico dentro do grupo de atletas. Murphy percebeu que faltava interação entre os mais jovens e os mais experientes e optou por trabalhar com o líder do time, o quarterback Eli Manning. "Descobrimos que os atletas mais novos tinham certo receio de falar com ele - ficavam intimidados mesmo - por medo de não serem aceitos."

Colocando Manning na posição de "gerente", Murphy estimulou o uso do debriefing. O método, na Força Aérea, consiste na reunião dos pilotos após uma



Louros da vitória. Jim Murphy (D) confraterniza com jogadores dos Giants após a vitória no Super Bowl em Indianápolis

SEGREDO

Jim Murphy
CONSULTOR

"Quanto mais precisos os detalhes, mais próxima da perfeição é a execução"

missão e todos, ignorando nome e patente, falam abertamente dos erros que cometeram durante as ações e o que vão procurar fazer para melhorar em uma próxima oportunidade.

Manning e o defensor Justin Tuck passaram, então, a promover reuniões entre os atletas após as partidas sem a presença de técnicos ou dirigentes. Duravam de 20 minutos a uma hora e todos falavam. "Eu não estava gerenciando a mim mesmo - o que eu precisava fazer - e dizen-

do para todos. E então todos falavam o que eles precisavam melhorar", contou o quarterback à revista norte-americana *Sports Illustrated* sobre o método.

Pior para os adversários, em especial o quarterback do New England Patriots e marido da modelo brasileira Gisele Bündchen, Tom Brady. Apesar do favoritismo, perderam para os Giants por 21 a 17 e Manning saiu de campo consagrado. "A grande parte do porque estamos aqui é que nenhum dedo foi apontado e isso não acontece com frequência",

observou o defensor Mathias Kiwanuka para a mesma publicação durante a festa da vitória do Super Bowl.

Com esta experiência bem sucedida, Murphy não esconde que quer 'vender seu peixe' no Brasil e ampliar seus horizontes. A princípio, os clientes preferenciais estão grandes empresas. "O Brasil é um País em grande expansão e acho que pode ser um mercado interessante", observa. O português ele está aprimorando com a mulher, que é brasileira e gaúcha, como Gisele.

FAÇA O MELHOR INVESTIMENTO

VEICULE AS PUBLICAÇÕES LEGAIS
DE SUA EMPRESA NO ESTADÃO
E FAÇA USO DE UM CANAL
EXCLUSIVO: AE BROADCAST.



ALIE SUA MARCA A UM JORNAL COM MAIS DE UM SÉCULO DE TRADIÇÃO.
CONSULTE SUA AGÊNCIA OU NOSSA EQUIPE COMERCIAL: (11) 3856-2080

ESTADÃO